

Responsabilidade pela Alteridade

Primeiramente conheci a Cristina Beckert à distância. Estávamos em 1980 quando vários jovens foram admitidos como assistentes no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre os quais a Cristina. Eu era ainda aluna. Creio que todos nós, então estudantes, tivemos algum destes jovens assistentes como professores o que marcou a distância do nosso relacionamento inicial com cada um deles. Nunca fui sua aluna. A Cristina Beckert era para mim a jovem de traços delicados, elegante e natural, que deslizava pelos corredores suavemente.

Em 1981 licenciiei-me e no mesmo ano inaugurou-se o Curso de Mestrado em Filosofia da Faculdade de Letras. Os jovens assistentes registaram-se obrigatoriamente como requisito da formação académica que a instituição lhes exigia. Sobraram poucas vagas..., mas ainda entraram quatro recém-licenciados, entre os quais eu própria. O desafio parecia incomensurável: éramos agora colegas dos nossos professores. Foi então que conheci a Cristina Beckert com proximidade. A delicadeza do rosto era acompanhada por um sorriso tranquilo que combinava com os olhos claros, da transparência da genuinidade; e a serenidade da postura, assim como do discurso, não eram contrariadas pelo peso dos seus conhecimentos, pelo poder da sua argumentação, pela força das suas convicções, em suma, pelo brilhantismo do seu pensamento. Porque a sua inteligência, despida da arrogância dos que julgam tudo conhecer, e movida pela vontade de querer saber mais, de compreender melhor, permanecia simples, mesmo na expressão da mais penetrante argúcia.

Lembro-me bem, no âmbito do nosso Curso de Mestrado, das suas apresentações sobre Fichte, profundamente enraizadas no conhecimento de Kant e do idealismo alemão em geral; recordo sobretudo as suas exposições sobre o autor privilegiado já na tese de Doutoramento, um filósofo ainda ausente dos programas das várias disciplinas curriculares e de que nunca ouvira falar: Emmanuel Lévinas. Quando, mais tarde, já eu própria assistente universitária, quis introduzir o estudo de Lévinas numa das disciplinas que lecionava, foi à Cristina que recorri para ganhar uma ampla compreensão do filósofo num curto espaço de tempo, para identificar os temas levinasianos fundamentais e as respectivas obras em que eram desenvolvidos, e também os comentadores de referência, para além da sua própria leitura analítica e crítica.

Ainda hoje penso que a Cristina condizia bem com Lévinas... A exposição do eu ao outro na primordialidade da alteridade, a nudez da presença sem contexto, a assunção da subjectividade na poderosa singeleza do "eis-me", e mais, mais que tudo, a anterioridade da relação à individualidade, da relação ética à afirmação ontológica, e a designação da ética como relação não violenta. Porque na Cristina não havia cisco de violência; porque na Cristina a preocupação ética, a preocupação por bem agir, além de se ter agigantado como tema principal

da sua investigação e reflexão filosófica, era um projecto de vida, com a autenticidade que apenas a coerência entre o pensar e o agir atestam.

Em tempos distintos e por caminhos diversos enveredámos ambas pela Ética, como disciplina filosófica e na sua exigência de racionalidade da acção humana, e também pela Ética Aplicada, como imperativo de, na esteira da mais genuína tradição da filosofia na sua missão de revolucionar o mundo, intervir na realidade concreta do quotidiano transformando-a para melhor... E foi neste amplo domínio de intersecção de interesses que nos voltámos a encontrar, colaborando então em diferentes projectos de iniciativa ora de uma, ora de outra.

As primeiras impressões, as de uma juventude cada vez mais remota, persistiram. O passar dos anos não alterou a suavidade dos gestos, nem a gravidade da doença afectou a serenidade das vivências. As convicções, essas tornaram-se mais definidas, ganharam consistência e determinação, entretidas pelo desenvolvimento intelectual e pelo empenhamento humano. Foi assim, de forma muito evidente, com a ética ambiental e a ética animal. No desiderato de testar o alcance do domínio e da natureza da Ética, numa orientação marcada pelo afastamento de um antropocentrismo redutor e pela abertura à totalidade dos vivos e dos seus ecossistemas, Cristina Beckert quis contribuir para o alargamento e intensificação da consciência de uma comunidade global em que o homem se recupera como parte integrante da natureza e se liberta de uma interpretação de si narcísica.

Não a acompanhei no prolongamento destas teses. Quedei-me pelo reconhecimento do valor intrínseco dos animais, como da natureza, na rejeição de um seu valor meramente instrumental, mas não lhes reconhecendo um valor moral que mantenho como específico do humano. Paralelamente, quedei-me pela condenação de um abstracto e artificial antropocentrismo hegemónico, mas não subscrevendo qualquer expressão ecocêntrica que me parece igualmente abstratizante de um irreduzível ponto de vista humano da reflexão. Mas sobre estas questões axiais, como sobre outras importantes que delas decorrem, me continua a fazer pensar.

Segui-a no essencial. Segui-a no encontro entre a sua inspiração de juventude em Lévinas, na procura deste filósofo do princípio an-árquico da realidade e da afirmação da Ética como Metafísica Primeira, e as suas amadurecidas preocupações pelos desafios éticos contemporâneos, na sensibilidade por todas as formas de vida, e como ambas confluíram na atenção à alteridade. É o outro que, pela sua presença, pela sua existência, espera a nossa resposta e assim nos incumbe a responsabilidade. E hoje, Cristina Beckert responde ainda através de todos os que inspira à responsabilidade pela alteridade.